

A BATALHA

SUPLEMENTO SEMANAL

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO
OPERÁRIA PORTUGUESACorrespondência: APARTADO N.º 329—LISBOA
Número avulso \$30Editor: ALBERTO DIAS
Administrador: DOMINGOS AFONSO RIBEIROPROPRIEDADE DA COMISSÃO INTER-FEDERAL
Sede provisória: Calçada Castelo Branco Saraiva, 42
Oficinas: Rua da Alameda, 114

«A BATALHA»

A Batalha—Suplemento semanal —, Porta-voz da Organização Operária Portuguesa, vem à luz da publicidade.

Desejariamos antes que **A Batalha** se publicasse diariamente, desde já. O mesmo desejo, tão intenso como o nosso, tem-no a classe trabalhadora, da qual fazemos parte.

O proletariado sente imenso a falta do seu jornal—aquele órgão diário que no terreno da imprensa espalha jorros de luz; que, no bom combate, escalpeliza os fautores da opressão e da miséria humanas e que, quotidianamente, o orienta nos seus protestos, nas suas reclamações, no caminho que o conduz à conquista da liberdade e da emancipação integral.

* * *

A sua orientação?

Está prescrita pelas resoluções dos Congressos nacionais do proletariado português.

E estaria dito tudo. Respeitando o espírito dessas resoluções, **A Batalha** mantém-se integrada nas aspirações de liberdade e bem-estar económico, que são a norma da organização sindical portuguesa.

Nada existe que imponha uma orientação diferente. Pelo contrário, os acontecimentos têm-se encarregado de dar relevo e força às decisões dos Congressos.

Os princípios estatutários do Congresso de Coimbra, como as bases da Organização Social Sindicalista dos Congressos de Covilhã e Santarém têm cada vez mais razão de ser.

A organização sindical, federalista e libertária, por essência inconfundível, continua a ser considerada o principal órgão de libertação e de emancipação proletária. Alheia a todos os credos político-partidários e a todas as confissões religiosas, a organização sindical agrupa todos os trabalhadores, como esferas do salário, qualquer que seja a sua tendência, posto que o indivíduo é autónomo, impondo-se apenas, cada um, o dever de respeitar a liberdade dos demais, a todos cumprindo o dever de solidariedade para com as decisões livremente votadas nos congressos gerais.

* * *

Esta é a orientação básica de **A Batalha**.

Certamente que há quem pretenda que outra deva ser a sua orientação: são os que entendem que a organização deverá seguir uma tática pela qual ficaria subordinada a um ou outro partido político.

A tal respeito nós diremos: A organização sindical portuguesa só se desenvolveu, robusteceu e criou o que pode classificar-se de *alma própria* depois que se emancipou

da tutela amortecedora dum partido; chegou a um apogeu de verdadeiramente grandiosa, talvez inigualada nos países tidos por mais adiantados, na época em que o seu desenvolvimento se operou não estando nenhum dos seus militantes preso a compromissos de política partidária e estatal; e se, afinal, sobreveio certo enfraquecimento, esse facto deve-se tão só à circunstância de certo vírus político ter vindo envenenar o ambiente fraternal que à organização operária portuguesa deu prestígio e força.

Ora nós, coerentes com os princípios gerais da organização e fieis ao espírito e aos anseios de emancipação do proletariado, procuraremos, tanto quanto em nossas forças caiba, afastar destas colunas o veneno verrineiro—causa das desavenças internas.

Defenderemos, sim, a outnanse a autonomia e independência da organização sindical em face de todos os partidos políticos, quaisquer que sejam, com o elevado fim de, sem deslises, contribuir apenas para os trabalhadores se emanciparem pelo seu próprio esforço respeitando, como sempre a consagrada máxima: *A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores.*

O caso dos mineiros de Aljustrel e a Comissão Inter-Federal

Conforme noutra local informamos, os mineiros de Aljustrel lutam, neste momento, com uma enorme crise e procuram evitar que ela atinja mais acuidade. A Comissão Inter-Federal, organismo coordenador da actividade operária, reuniu extraordinariamente para apreciar aquele caso gravíssimo e resolveu apoiar as reclamações dos mineiros, convidando toda a organização operária do país a prestar áqueles camaradas, a sua solidariedade. Resolveu, mais, não descurar o assunto, para o que estará em contacto permanente com os camaradas das minas de Aljustrel.

A iniciativa, elemento necessário

«Não temos dito sempre às multidões que não devem esperar o bem-estar, nem de nós nem doutros, que o bem-estar devem conquistá-lo por si próprios, e que só obterão aquilo que saibam tomar, e só conservar o que saibam defender? É justo e natural que nós, iniciadores e propulsores e também parte integrante da massa, procuremos impulsionar o movimento na direcção que nos pareça melhor e prepararmos-nos, o melhor, possível para as coisas que se devem fazer. Contudo fica sempre fundamentalmente de pé, o princípio de que a *decisão* pertence à livre vontade dos interessados».

Henrique Malatesta

Fim duma ilusão...

E' manifesto o descontentamento e desilusões profundas que existem no seio das fileiras da F. I. T. (Amsterdã) visto que os resultados provenientes do funcionamento do B. I. T. órgão de alta colaboração de classes, são eminentemente nulos. Dizem os desiludidos: as questões que teem um aspecto de aparente interesse para os trabalhadores, são restringidas pelas largas representações e influências que goza o capitalismo no seio do referido Bureau.

Este pessimismo que ora começa a tomar certo vulto nas massas passivas atreladas ao pesado trenó doirado de Amsterdã, é motivo para sérias preocupações por parte dos magníficos dirigentes daquela Internacional...

E então, eles, prevendo o perigo que isso pode causar para a sua cómoda situação de burocratas bem pagos, ao serviço de uma causa que mais interessa à burguesia do que propriamente à classe trabalhadora, reconhecem que se chegou ao fim de uma doce ilusão, mas, por outro lado, que seria insensato abandonar a mesma ilusão representada por uma instituição. E, aqui, é uma coisa que não dá para vir a dar inestimáveis resultados, na cura dos males de que enferma esta pobre humanidade.

Mas, de lá, não tem saído já uma copiosa legislação social feita de acordo com o patronato? Tem... mas, simplesmente, para o operário ver, porque, afinal de contas se os mesmos operários não tiverem espírito revolucionário para a fazerem cumprir, verifica-se — e é o que sempre temos afirmado — que tudo isso apenas serve para retardar a emancipação do proletariado, por que aquilo, além de ser uma ilusão, é, ainda, uma outra realidade paradoxal, uma autêntica mentira.

R. dos Santos

PARADOXOS

JUSTIÇA!

Recentemente, a imprensa da capital deu publicidade a campanha forte que visava libertar da cadeira eléctrica um português que, na América do Norte, por crimes, matou a sua companheira. O caso, devido à campanha, assumiu foros de grande acontecimento, podendo fazer supor que casos semelhantes não são vulgares, e até, que não há no nosso nem noutra pais, motivo bastante forte para justificar uma campanha daquela natureza.

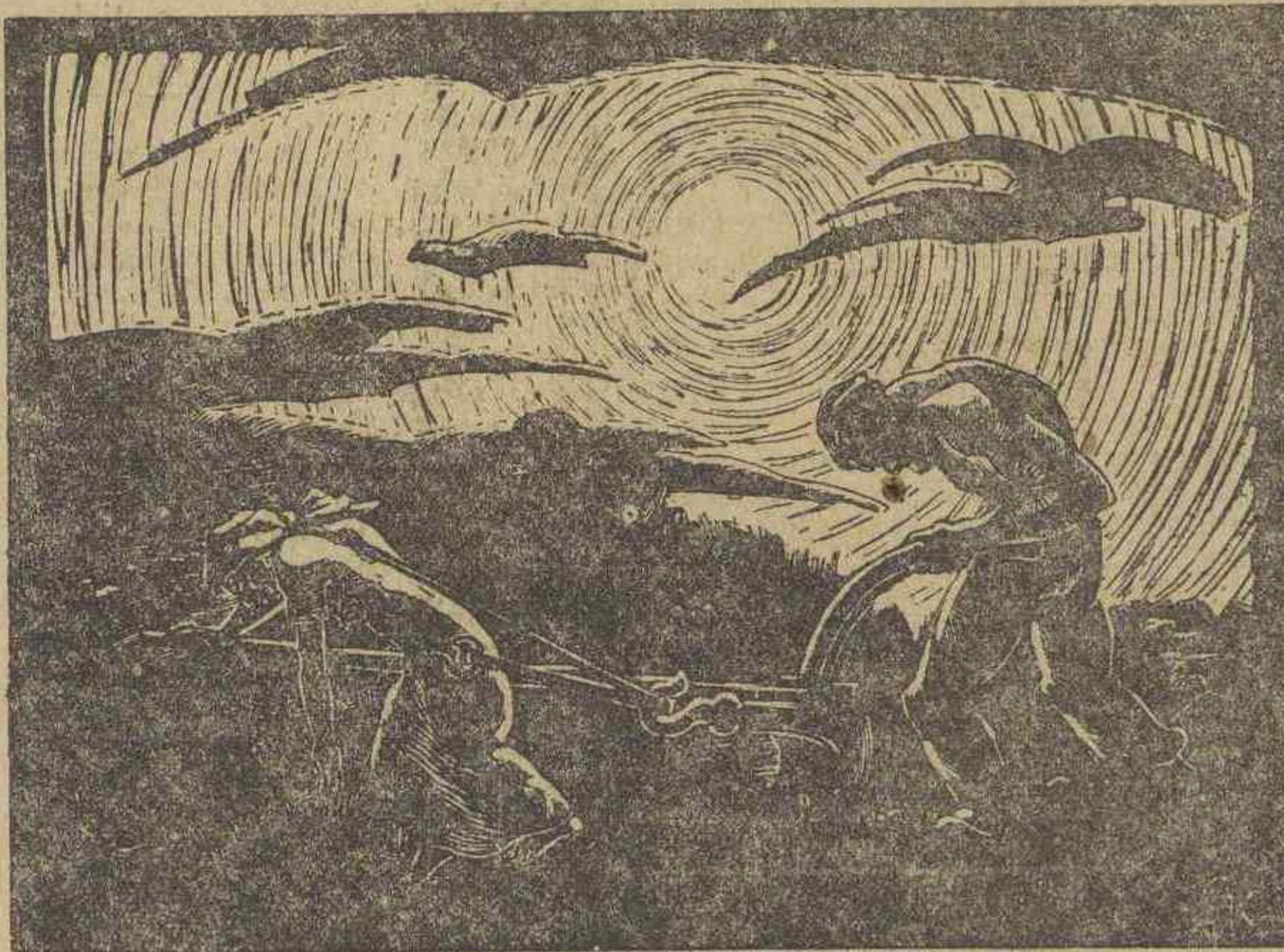
Ora a verdade é que, condenados por crime idêntico, sofrem muitos homens a prisão mais abominável: encerrados em cadeias repelentes, de imundície e de misérias, homens com menor crime, com mais atenuantes, passam anos sobre anos, sem que a pena dum jornalista tente mergulhar na sua dor arrancando de lá as razões da sua hediondez, da sua inocência ou da sua miséria. Com elas poderia clamar nas colunas do seu jornal a imensa dor desses desgraçados, blasfemar perante a injustiça social, perante a ignorância e comodismo dos homens, perante o condicionalismo social que tal gera, acolta e reproduz.

Em que se diferencia o criminoso português, condenado na América, de tantos outros criminosos, sofrendo nas prisões e no deserto? Na natureza do seu crime? No facto de estar na América?

Nas mesmas condições há, entre nós, centenas de portugueses, condenados na América, até por menor crime, já houve — não sabemos se haverá, no momento — alguns seres humanos, possivelmente mais nobres em ideias, em sentimentos que Pita Soares. Para não ir mais longe, recordaremos Sacco e Vanzetti, essas vítimas inocentes da justiça norte-americana, que tiveram no mundo das letras, da ciência e da política, os homens mais representativos por seu lado, que pugnavam na imprensa, e por outros meios, pela sua libertação. Que fez, então, a nossa imprensa? Guardou silêncio, enquanto o mundo não estremeceu sob o caudal de protestos que chegavam de toda a parte. E as informações que forneciam vinham recheadas de falsidades, quando opiniões tendenciosas não pretendiam empanar a nobreza das intenções desses dois homens.

Mas não é preciso recorrer a tais casos para apontar a deselegância dos seus gestos e a maldade das suas intenções. Por cá há muita coisa exigindo atenção. A tuberculose é epidémica. As suas determinantes mais imediatas — crise de trabalho, salários baixos, desonestidade no comércio e má organização social — mistram-se, mesmo, à vista dos que a tais análises estão pouco habituados. Porque não iniciam campanhas formidáveis que as apontem e exijam a sua atenuação quando não

TRABALHO!



A felicidade humana

A Academia de Lião propôs, para o curso do ano de 1790, o seguinte tema:

Determinar as verdades e os sentimentos que mais importa ensinar aos homens para sua felicidade.

Do discurso de um dos candidatos extraio as seguintes passagens:

«O homem nasceu para ser feliz. A natureza, mãe ilustre, dotou-o de todos os órgãos necessários ao fim para que foi criado. A felicidade, pois, não é mais que o prazer da vida mais conforme com a sua organização. — A nossa organização animal tem necessidades indispensáveis: comer, dormir, procriar... Um alimento, uma cabana, vestidos, uma mulher, são, portanto, de estrita necessidade para ser feliz. A nossa organização intelectual tem appetites não menos imperiosos e cuja satisfação é muito preciosa. No seu completo desenvolvimento consiste verdadeiramente a felicidade. — «O homem, ao nascer, traz consigo direitos sobre a parte de frutos na terra necessários à sua existência. — «Dá um olhar em volta de si e vê a terra, dividida entre poucas mãos, que serve de alimento ao luxo e á superfluidade; então, pergunta a si mesmo quais são os títulos dos seus possuidores, porque o ocioso é tudo e nada o que trabalha. — Corre a casa do confessor depositário da sua confiança, expõe-lhe as suas dúvidas... Homem, responde-lhe o sacerdote, não reflexiones jámais sobre a existência da sociedade... Deus tudo dirige... Abandona-te nas mãos de Providência... Esta vida não é mais do que uma viagem. Os decretos da justiça divina não se investigam... Crê, obedece, nunca raciocines e trabalha. Uma alma digna, um coração sensível, uma razão natural, não podem ficar satisfeitos com semelhante resposta. Então vai com as suas dúvidas e inquietações a outra parte. Chega a casa do mais sábio do país, um advogado... Homem sábio, lhe disse, dividiram-se os bens da comarca e nada me deram. O homem sábio ri-se da sua simplicidade, conduz-o ao seu cartório, e ali, de acta em acta, de contracto em contracto, de testamento em testamento, lhe prova a legitimidade das partilhas de que se queixa. — Como! são estes os títulos desses senhores? grita indignado. Os meus são mais sagrados, mais indiscutíveis, mais universais. Renovam-se com a minha respiração, circulam com o seu sangue, estão escritos sobre os meus nervos, no meu coração; é a necessidade da minha existência, e, sobretudo, da minha felicidade.»

O discurso está firmado; *Napoleão de Bonaparte*. O grande bandido côrso tinha, então, vinte anos.

A BATALHA

Jornada das 6 horas

No próximo número, iniciaremos a publicação dum excelente folheto do militante oserário D. A. Santillan que trata o importante problema da erise de trabalho. A sua importância, a necessidade de lhe dar a máxima expansão, e por que, na actualidade, os temas ali desenvolvidos estão na ordem do dia, aconselham, novamente, a sua publicação. Para conseguir a maior difusão, daremos à publicação dêsse folheto uma disposição gráfica que permita ser encadernada.

O aparecimento de "A Batalha"

A nossa iniciativa foi recebida com verdadeiro entusiasmo em todos os sectores da organização operária. Além de cartas várias que recebemos de camaradas, militantes do movimento operário, organismos houve que saudaram com entusiasmo o aparecimento de *A Batalha*.

Citaremos a Secção Sindical de Belém do S. de Ind. da Const. Civil de Lisboa, o Sind. da Const. Civil de Viana do Castelo, Assoc. de Classe dos Marítimos de Sines, Assoc. de Classe dos Caixeiros de Tomar, Liga das Artes Gráficas do Porto, Sind. dos Empreg. no Comércio e Indústria de Lisboa, Trabalhadores do Mar de Setubal, etc.

O Congresso da A. I. T.

No próximo mês de Novembro realizar-se há, em Espanha, o Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, com sede em Berlim. Oportunamente nos ocuparemos desta importante reunião internacional. Diremos, contudo, para elucidar, um pouco, os nossos leitores, que nêsse Congresso serão analisados os mais importantes problemas da actualidade, que se prendem com o movimento operario, e, de-perto, interessam à emancipação dos trabalhadores.

Não queremos multiplicar os exemplos. Iriamos longe de mais, sem nada nos garantir que conseguiríamos amolecer a insensibilidade d'esses jornalistas. — O. G.

Uma sessão de propaganda na Associação de Classe dos Trabalhadores do Mar de Setúbal

No passado domingo, 7 do corrente, realizou-se, nesta Associação, uma sessão de propaganda associativa.

Estava representada a Federação de Transportes e Comunicações por Francisco Martins e José Francisco. A Central Operária Portuguesa (Comissão-Inter-Federal) estava representada por Manuel Joaquim de Sousa.

Fala em primeiro lugar Afonso Ventura, que disserta sobre os vários aspectos da crise que presentemente asseberba a sociedade capitalista e da qual as principais vítimas são os trabalhadores. Faz o confronto do desenvolvimento da mecânica, antes e depois da guerra, e analisa a influência que ela tem na situação de miséria em que se encontra a classe trabalhadora em virtude da crise de trabalho, cada vez mais intensa em todo o mundo.

O camarada José Francisco, da Federação de Transportes e Comunicações, saúda a classe dos trabalhadores do mar de Setúbal. A traços largos diz o que pretende o organismo que representa e a sua constituição. Analisa a situação dos marítimos nos vários portos do país. Ela é conforme a actuação dos marítimos desses mesmos portos. Onde se organizam e actuam, a situação é melhor. Onde se encontram desorganizados essa situação é tão miserável que, muitas vezes, se aproxima da mais rudimentar escravatura. Só com esforço consciente de todos os trabalhadores se conseguirá melhorar essa situação.

Manuel Joaquim de Sousa, representante do organismo que em todos os tempos acompanhou aquela classe, fala em seguida. Nos períodos mais agitados em que escreveu as páginas brilhantes da sua história fez aí, a Central Operária, sentir a sua influência. O silêncio era assim o reviver daqueles memoráveis tempos.

Esta Associação—diz o orador—faz hoje como que um retorno ao seu passado. Não seria necessário tal facto se todos os trabalhadores tivessem sempre na mente as palavras que naquele mesmo lugar, em outras ocasiões, tinha proferido. Mas como tal não sucedeu, é necessário esse retorno, que neste caso, só pode ser benéfico, para os trabalhadores do mar verem respeitadas as suas regalias, bem poucas que são. Analisa detalhadamente a situação da classe trabalhadora de todo o mundo; a sua organização e as suas aspirações de libertação económica e social.

Com larga cópia de argumentos — vivamente apoiado pela numerosa assistência — traça o caminho pelo qual os trabalhadores devem caminhar na senda da sua integral emancipação e termina afirmando que o organismo em nome de quem ali ergueu a sua voz, sempre actuou nesse sentido, através de todos os obstáculos. Ele sempre existiu e existirá enquanto houver explorados e exploradores.

Francisco Martins, o segundo delegado da Federação de Transportes saúda os marítimos ali reunidos. Começa por estranhar que tendo sido convidada a Comissão-Inter-Federal, se não tenha procedido de igual modo para com a Comissão-Inter-Sindical. Só assim, convidando todos os organismos centrais de operariado, ouvindo as opiniões de cada um, a massa podia resolver para onde queria ir.

(O presidente da sessão pede ao orador para falar, apenas, em nome do organismo que representa e afirma que os trabalhadores do mar apenas reconhecem a Central Operária Portuguesa, com quem se têm encontrado em todos os momentos, mesmo nos

AÇÃO EDUCATIVA

A acção educativa, quer exercida entre as crianças, por meio da Escola, quer entre os adultos, por meio da conferência, do livro e do jornal, parece-nos constituir uma arma poderosíssima na campanha revolucionária com objectivos de integral emancipação da humanidade.

Porisso a aproveitamos, sempre que nos é possível, e aconselhamos a todos os que sentirem, como nós, desejo de ser útil à sociedade, que façam o mesmo.

Mas é preciso que nos entendamos. Quando falamos em acção educativa, evidentemente, não queremos referir-nos a qualquer forma de agir pedagógicamente e bem assim à espécie de educação que se está ministrando geralmente nas escolas do Estado.

Temos os nossos pontos de vista sociais e deles não abdicamos, mesmo como educadores.

A acção educativa a que nos queremos referir é, portanto, a que está de acordo com esses pontos de vista, que não os contraria, que os auxilia até, tornando-os mais realizáveis e mais humanos.

Cometemos uma violência, procedendo assim, isto é, sujeitando o ideal educativo ao ideal libertário, praticamos uma acção contrária à razão, à justiça, à sciencia?

Parece-nos que não. Apreciando o quadro das sciencias, nós vemos que a Pedagogia vem incluída como um ramo da Sociologia, a qual estuda a vida humana nas suas manifestações mais importantes, as económicas, genéticas, políticas e morais e procura encontrar uma solução justa para as relações entre os seres humanos.

Ora o nosso ideal libertário é precisamente esta parte da Sociologia que exprime a solução do problema concernente às relações do homem em sociedade.

O nosso sistema científico, o nosso ideal, é o fim a atingir. Ocupa, portanto, dentro da sociologia, um lugar superior e de tal natureza, que a Pedagogia, ou antes a Educação, lhe fica inteiramente dependente, pois dele deve receber, quando não seja toda a influência, toda a orientação e metodologia, ao menos o fim, o objectivo último e definitivo.

E' precisamente por isso que os pedagogistas da nova corrente, Clapared, A. Ferrière, Adolfo Lima, Decroly, etc., recomendam, com insistência, que o educador, para desempenhar cabalmente a sua missão, deve

mais difíceis. Com os restantes nada têm e nada querem ter.)

Continuando no uso da palavra, Francisco Martins, diz que a Federação de Transportes tem um largo futuro a realizar. Vem colocar na frente dos trabalhadores a solução de vários problemas que aos mesmos interessam. Ouviu falar em vários assuntos mas de uma maneira pouco concreta. Julga necessário que aos trabalhadores sejam dadas palavras de ordem para a solução dos vários problemas que lhe interessam.

Há muita gente sem trabalho que não tem culpa dessa situação; é necessário criarmos condições de vida e de luta e isso só se conseguirá por meio de um subsídio dado por um determinado período para não se prestar a abusos. Ouviu também falar em que a burguesia não sabendo continuar na direcção da sociedade, um dia no-la entregará. Tal facto nunca se dará. São os trabalhadores quem deve tomar o poder, conquistando o Estado.

Fala também o camarada David Correia. Faz o confronto dos vários processos de actuação dos trabalhadores e quais os seus resultados. Advoga uma sociedade onde não haja senhores nem escravos e diz que ela só será construída com a nossa preparação técnica e mental. Diz serem os organ-

ter sempre em vista a sociologia, ou as leis que essa sciencia vai descobrindo e estabelecendo.

Qual é, pois, em termos mais claros, essa parte da Educação, que nós advogamos e entendemos estar de acordo com o nosso ideal?

Na corrente pedagógica, de que se faz agora muita propaganda, chamada *educação nova*, encontramos muitos pontos que podem ser admitidos por nós. Dos 30 artigos de que se compõe o seu programa, apenas devemos rejeitar os que estão sob os n.ºs 21, 22, 23, 24 e 25, ou sejam os que estabelecem a organização da república escolar, a eleição de chefes, de castigos e recompensas.

Todos os outros tendem à preparação integral, racional e livre da criança para a vida prática. Respeitam a liberdade da criança, consideram-na um ser autónomo, exigem o estudo da sua psicologia e aptidões e a aplicação dos métodos educativos por meio da experiência e do trabalho prático.

Na reforma de ensino, designada por *escola única*, encontramos igualmente muita matéria que pode ser defendida, transitóriamente, por nós.

Se o ensino gratuito, em todos os graus, inclusivamente no universitário, dá em resultado mais perfeita selecção de competências e o acesso de estudantes pobres às profissões científicas, evidentemente que essa medida é digna de apoio. Se a escola única estabelece a igualdade da criança, perante a educação, torna-se, também, por esse facto, digna das nossas simpatias. A criança educada fóra da influência moral dos privilégios de classes, há de, no futuro, sentir-se mais atraída a confraternizar com o seu semelhante e a repelir, por conseguinte, as desigualdades e injustiças do meio social.

É, segundo o critério exposto, que tencionamos orientar a nossa acção educativa, fazendo todo a diligencia por que os problemas da pedagogia nova ou científica se tornem o mais possível conhecidos e aumente o número dos adeptos.

Procedendo assim, cremos estar rigorosamente dentro do nosso ideal, que nos sugere, além de uma actividade constante de significado imediato, um esforço intensivo de preparação futura.

M. O.

mos sindicais a base de todo esse movimento renovador e tornando-os conscientes e fortes, estamos caminhando para esse fim. Falam ainda vários camaradas que produzem várias e interessantes considerações, que a falta de espaço nos inibe de dar maior relato.

Afonso Ventura dá conta das reclamações a formular aos engenheiros que vão dirigir as obras do porto, a iniciar em breve, afirmando que já está assegurado, junto das entidades competentes, o cumprimento rigoroso, naqueles trabalhos, do horário de 8 horas. Todos devem empenhar-se para tal suceder, porque assim defenderão os que não têm trabalho.

E assim terminou esta bela jornada de propaganda, no meio de grande entusiasmo. Ele bem demonstra o estado de espírito desta classe, novamente despertada para a actividade, manifestando-se de uma maneira bastante altiva. Foram erguidos entusiásticos vivas à C. G. T. à A. I. T. e à *Vanguarda Operária*.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Considerações acerca do Estado

Na hermenéutica dos partidários do socialismo autoritário, o Estado, com os seus respectivos órgãos, quando nas mãos do proletariado, poderá realizar, com segura eficácia, a *fase transitória que há de preceder a emancipação total dos trabalhadores*.

Pretendendo fazer renascer, nos meios operários, o messianismo político, afirmam isto, não no sentido de favorecer o esclarecimento da verdade, mas, unicamente, para justificarem, junto das massas, os seus programas de governo que, tal qual o dos restantes partidos políticos, são argamassados num politiquismo amórfico e despido de toda a eficácia emancipadora, que garanta ao proletariado a realização dos seus ideais de bem-estar e liberdade.

A ditadura do proletariado é quejandas frases do mesmo pomposo efeito, são as telas em que eles tocam a melodiosa ária das suas conveniências de partido... falsamente em nome dos sagrados interesses das massas escravizadas.

Ora se para muitos pontos do problema social, dada a sua complexidade, ainda não se encontraram as soluções adequadas e absolutamente definidas, um ponto há em que não é lógico admitir dúvidas: é o da incapacidade do Estado para resolver os problemas fundamentais, de cuja solução depende a Emancipação dos Trabalhadores.

Se, com efeito, está sociologicamente definida, e praticamente confirmada a existência do Estado como órgão político da burguesia, cuja função está exclusivamente adstrita à defesa dos privilégios e prerrogativas do Capitalismo, deve ser ponto assente, para todos os que sinceramente dedicam os seus esforços à causa do proletariado, de que ele de nada mais servirá do que para defender, por todos os processos, a ordem social existente. A sua função está inalteravelmente determinada, e o seu carácter é, tanto na sua estrutura como na sua essência, de natureza absolutamente anti-proletária.

As próprias circunstâncias históricas que deram origem ao Estado—ao Estado moderno, bem entendido—demarcam-lhe, logo, o seu carácter específico, a sua missão inalterável.

A burguesia depois de ter esbulhado, lentamente, no domínio económico, o feudalismo na administração da produção, quiz também chamar a si, na ordem política, a administração das sociedades.

Esta administração social, no fundo, não era mais do que procurar garantir, com órgãos especiais adequados, a estabilidade do seu domínio económico, do seu privilégio de classe.

Assim, da Revolução Francesa, que, de início, adquiriu um cunho acentuadamente socialista, surgiu toda esta engrenagem aparatosa, especificada, coercitiva do Estado Moderno, que, longe de facilitar o desenvolvimento das sociedades humanas constitui, antes, um formidável escolho à expansão, que deve ser livre para ser profícua, das aggrupações sociais.

A sua existência, portanto, identifica-se e está indissolavelmente ligada à existência da burguesia. Ambas coexistem e a derrocada duma produzirá logicamente, inevitavelmente, a derrocada da outra.

J. F. Noedas

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

MOVIMENTO OPERARIO

Trabalhadores de Transportes

Ouvindo um componente da sua conferência

Acompanhámos, com o devido interesse, um dos últimos actos públicos do movimento operário, que maior interesse despertou e mais atenção exigiu.

A ele vamos dedicar um pouco do espaço de que dispomos, procurando referir-nos, apenas, aos trabalhos mais importantes da conferência. Não iremos fazer um relato circunstanciado do que nessa conferência se passou. Apenas pretendemos arquivar algumas considerações e manifestar que a nossa posição, embora de discordância em alguns pontos, é de apoio aos trabalhadores que se agrupam nos sindicatos que constituem a Federação nessa conferência criada.

O militante que procurámos, activo componente da Comissão Organizadora da Conferência, falou-nos dos motivos que os levaram a pensar numa Federação única dos Trabalhadores de Transportes, citando a dispersão de esforços, a existência de duas Federações Marítimas, a necessidade duma coordenação de esforços. A ideia, logo que se lhes afigurou realizável, levou as duas federações marítimas a um trabalho em comum para conseguir o apoio das restantes classes organizadas. Com excepção dos Ferrovários do Sul e Sueste, Minho e Douro e do Caminho de Ferro de Lourenço Marques, que apresentaram razões justificativas da sua atitude, todas as restantes classes organizadas compareceram no congresso.

A conferência foram levadas várias teses. Sobre as que tratavam de *Tática e organização, Estatutos, Imprensa Federal e Crise de Trabalho* incidiu uma maior atenção. As duas primeiras são a base da nova Federação e regulam o seu modo de funcionar.

Sobre a matéria nelas contidas houve discordâncias. O voto proporcional, que o congresso aprovou, foi combatido com tenacidade, apresentando alguns delegados, contra ele, argumentos de importância, que devem merecer dos militantes uma atenção especial. Um deles referia-se, acertadamente, ao facto de a base da federação ser o

sindicato, nunca o podendo ser o indivíduo.

E compreende-se: No sindicato a unidade é o indivíduo; na federação tem de ser, pelo mesmo princípio das unidades em ciência, o sindicato. A maioria não quiz ou não pôde compreender essa verdade elementar e o mau princípio venceu, arrastando a iniquidade e desigualdade que o acompanham. A imprensa federal fica assegurada por um mensário de grande formato, sendo resolvido que continuassem a publicar-se os jornais profissionais. A crise de trabalho mereceu especial interesse, dada a acuidade com que se regista nos trabalhadores de transportes, como, de resto, sucede em todos os outros ramos de trabalho. Foram adoptadas medidas que interessam a cada um das especialidades de transportes. Além destas medidas, ainda outras são reclamadas e entre essas, destacam-se a criação de verbas para apetrechamento de portos e fiscalização rigorosa das condições de segurança e de higiene da navegação, criação junto dos sindicatos de instituições de previdência para interessar mais os trabalhadores pela vida dos sindicatos. Outras interessam aos ferroviários e propõem a fusão das várias instituições de previdência espalhadas pela classe e outras, ainda, estudando a nacionalização dos serviços ferroviários e a municipalização dos transportes urbanos—em relação à tracção eléctrica—e defendendo-as, etc.

Quanto ao apoio à restante organização operária e posição quanto às internacionais, embora fosse reconhecida, pelo congresso, a necessidade dum apoio franco à central operária e a uma das internacionais, foi resolvido: quanto à central uma vaga adesão moral; quanto às internacionais uma posição de expectativa, com o intuito de observar a actividade das três internacionais. Tomou-se uma posição franca—o que é para ponderar—pela luta de classes.

E o nosso amigo pouco mais disse que pudesse interessar os nossos leitores.

Os Manipuladores de Pão

atravessam uma crise desesperada

Os Manipuladores de Pão formam uma das classes mais numerosas de Lisboa e uma das mais necessárias à vida da cidade. Nem por esse facto, por si só justificando cuidados especiais, ela tem sido alvo da atenção metódica e persistente dos indivíduos a quem esse encargo foi dado por uma nação de indiferentes. Não há muito ainda conseguiu o trabalho diurno, mas, mesmo assim, inconvenientes de grande monta continuaram a registar-se. As condições higiénicas dos locais de trabalho, os salários e o horário continuam sem a solução exigida. O primeiro facto tem uma importância pública enorme. Dessas condições de higiene depende a saúde duma população, além de influir no fabrico do próprio pão e na saúde do operário. Não faz sentido que tão poucos cuidados mereça um tal assunto, pois não pode atingir-se a saúde pública, porque os interesses financeiros de meia dúzia de industriais inconscientes ou criminosos, assim o determina.

A questão que de perto se relaciona com os salários data de 1926. Então, os industriais, alegando uma pequena baixa em alguns géneros, reduziram os salários em 25%, tendo o cuidado de declarar que isso tinha um carácter provisório. Se o custo da vida não baixou mais, voltaremos a pagar os anteriores salários—teriam dito. Passaram mais de quatro anos, os géneros encareceram, e, ainda, os industriais de padaria se não lembraram da promessa feita. É uma tremenda imoralidade eles persistirem na negativa quando se ventila a questão dos salários. Essa imoralidade passa à categoria de crime, quando se verificam estragos na saúde dos operários e na de suas famílias. Os Manipuladores de Pão chegam a não ter camas para repararem as suas energias, dormindo no meio de farrapos, e alimentando-se tão deficientemente que, por vezes, as suas refeições não chegam para enganar a fome aos filhos.

O horário de trabalho, actualmente em vigor não é cumprido. Este facto agrava mais a situação desesperada dos Manipula-

dores de pão, pois com uma escassa alimentação são obrigados a um labor extenuante. Eis a sua situação. Para completar o quadro, já bem negro, acrescente-se o facto de se encerrarem padarias, sem haver um motivo a determiná-lo, o que provoca despedimentos, maior oferta de braços e, naturalmente, ameaças de redução de salários.

O Sindicato dos Manipuladores de Pão tem tratado da situação da classe que representa. Além doultras medidas adoptadas, entregou uma exposição a várias entidades, onde expunha a situação da classe. Nessa exposição são sugeridas algumas medidas que, pelo menos, em muito atenuariam a crise desesperante da classe. Eis algumas dessas medidas: a)—Pagar aos operários os salários instituídos em 1924 por mútuo acordo; b)—Fazer reabrir as padarias encerradas e se os srs. industriais a isso se negarem, entregá-las a este sindicato mesmo a título de experiência; c)—Regulamentar o horário de 8 horas para todos os operários que empregam a sua actividade nesta indústria; d)—Que o pão não seja de volume superior a 250 gramas; e)—Que o pão destinado ao domicílio tenha a percentagem concedida por lei e que os distribuidores sejam dispensados de transportar balanças e pesos e de se munirem de outros documentos além do cartão da Bolsa Agrícola.

"Aurora"

Esta revista mensal, de ciência, sociologia e arte, continua a publicar-se no Porto. A todos os trabalhadores interessa a sua leitura, devendo os nisso interessados, dirigir-se à sua sede provisória, L. da Povoa, 9—Porto.

Os trabalhadores encontrarão nas nossas colunas todas as informações do movimento operário. Têm, portanto, conveniência em lê-lo sempre,

NO MOMENTO

Os trabalhadores debatem

Verificando o mal e as suas ramificações

Nunca, como agora, se sentiram tanto os efeitos da crise que, mundialmente, todos preocupa e a todos atinge. Restringida, a princípio, a países de desenvolvidíssima indústria, manifestava-se por abundância de produtos que o mercado não consumia, e pretendiam solucioná-la por reduções nos salários, por menor número de dias de trabalho e por despedimento de operários.

Estas medidas não deram resultado.

A crise, tendo a sua origem numa ineficiência do mercado, teria de ser encarada como problema de consumo. As medidas que adoptaram, indica que supozeram ser ela consequência duma produção demasiada.

No caso de outra ter sido a sua maneira de ver o problema, teria surgido uma orientação bem diferente: aumento da capacidade de compra, pela redução da jornada de trabalho e pelo aumento de salários.

A crise aumentou, como de resto, era de esperar, perante a adopção de medidas daquela natureza. O fenómeno irradiando, atingiu todos os sectores da sociedade e todas as fases da economia dos povos, indo reflectir-se, até, naqueles países que, como o nosso, não tinham uma indústria desenvolvida e, portanto, capacidade de produção suficiente para corresponder às necessidades do consumo.

Este era bastante limitado pela insuficiência dos salários, insuficiência sempre em aumento, porque os industriais, sem visão, apenas viviam para si, alheios quasi que ao labor das suas fábricas e oficinas. Por isso se admiraram quando verificaram, bastante tarde já, que o produzido pelos operários ao seu serviço se acumulava nos armazéns.

Deu-se a fatal confusão e corrida para a crise, começando os trabalhadores a sofrer por causa do desleixo e da ignorância dos capitalistas.

A crise não se detem. Ramifica-se por toda a parte, a todos sacrificando. São famílias inteiras entregues à incerteza e à miséria, a lamentações constantes. São homens a enfraquecerem-se com fome, sabendo os filhos e a mulher sem pão, que na via pública pedem esmola.

E toda essa tragédia diária se estende pelo país, pelo mundo.

O capitalismo parece preocupar-se pouco com isso. Supondo que a crise o não atinge, ou porque nela encontrasse maneira de ampliar os seus lucros, preocupa-se muito com problemas de menor importância, quando não os inventa para repasto do seu comodismo. Vistas bem as coisas não temos motivos para surpresa. Nunca os capitalistas pensaram na maneira de resolver os problemas dos que trabalham.

E na verdade, têm razão. Apenas aos operários compete esse esforço, que se concentra, em todos os paí-

ses na organização operária, que com o nosso, têm, como missão, desenvolver a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salarido e do patronato e posse de todos os meios de produção; A elas tem preocupado o estudo do problema e dessa preocupação chegou à conveniência duma luta intensa por realizar medidas de solução imediata.

Apontam-se medidas...

A crise está relacionada, nos países de indústria desenvolvida, com a racionalização, conjunto de medidas adoptadas para conseguir esse desenvolvimento. Nos países de indústria rotineira, deficiente e insuficiente, a crise terá de relacionar-se com essas mesmas imperfeições. Porém, em qualquer dos casos, a crise pode solucionar-se, pelo desenvolvimento da racionalização.

É possível que a racionalização os trabalhadores dêem uma interpretação, que em nada a harmonize com os seus interesses. Não é para estranhar porque a esse termo anda ligado um conceito falso.

Racionalização é, no rigor do termo e de aplicação não sofismada, um sistema de organização econó-

QUOTA C

Os Sindicatos, Federações, Câmaras elucidadas das resoluções adoptadas quanto à diminuição da Quota Confederação e os sélos-cotas mensais, para \$30 Outubro.

Tal deliberação obedeceu a uma mereceu o melhor dos seus estudos e cu a possível perturbação, que uma transal e para mais num período em que a financeira, que a não deixa expandir a

Limitadíssimos os seus recursos, de propaganda mais se torna necessários cumprissem, integralmente, com

Mas, tal proceder é impraticável herba as classes trabalhadoras e que fafissionais.

Outros organismos existem, que se confederarem. Porém, os recursos fin

Sendo a sua quota sindical muito seus associados auferem, aqueles orga tral Operaria, por que se acham impo rada elevada.

Eram forças que espiritualmente es todavia, de facto, pelos factos acima ap Urgia, pois, ligar estreitamente

belecer uma base que regularisasse Não fazia, pois, sentido que estas a solução administrativa de fácil remédio que se nos afigurou estar tanto quan Sindicatos, esperando que estes, cer coloca a Central—que vê por algum tularizar a sua vida, na qualidade de e siação de expediente de cobrança, e o dções com as quantias respectivas.

Se assim, os organismos a quem rem, longe de a Central sofrer o que a que nos congratular, não só como consi com um melhoramento financeiro, q periosas exigências da propaganda e o através do país.

O QUE PASSA

I-se numa pavorosa crise

es, apontam-se medidas que o atenuarão

ca da produção que deve provocar um acréscimo de bem estar geral por uma baixa de preços, um aumento na quantidade e uma beneficiação constante na qualidade dos produtos e nas condições de trabalho. A este último aspecto dedicou o operariado organizado a sua atenção. Os outros aspectos também o interessando, seriam regulados, insensivelmente, em consequência da pressão do operariado pela regularização das condições de trabalho.

O problema, visto racionalmente, indica que a crise, tendo por origem um consumo deficiente, que traz aumento de produção e de veres solucionada por um aumento da capacidade de aquisição do mercado. Em seguida verifica-se que esta capacidade de aquisição depende da capacidade de compra de cada um, o que faz compreender que a crise é um problema de jornada de trabalho e de salários.

A actual jornada de trabalho já se torna demasiado longa e já não corresponde nem às condições da produção nem às disponibilidades de energia do trabalhador. Assim, impõe-se, primeiro, o estacionamento da produção pela diminuição da jornada e aumento do número de operários produtores; segundo, salários cada

vez mais altos e aumento incessante do número de operários-produtores. A seguir-se este critério ver-se há diminuir o número de desocupados, aumentar a capacidade de compra do mercado e melhorar outras condições de trabalho. A maneira de conseguir aquele desiderato depende das condições de momento em cada um dos países interessados. No nosso está indicado que se comece pelo cumprimento integral da jornada de 8 horas, abolição de horas suplementares e de trabalho por empreitada. Simultaneamente tornar-se-iam de todos conhecidas as vantagens duma jornada de trabalho menor (por agora está indicado que seja de 6 horas) e dos salários altos, começando por exigir um salário mínimo, igual para todo o país, tanto para o homem como para a mulher. Feita uma campanha sistemática de elucidação, reunidas energias em volta destas reivindicações poder-se-ia, então, caminhar para a sua conquista.

E não tenham dúvidas os medrosos, que, pelo mínimo de tempo-trabalho e máximo salário se conseguirá o máximo rendimento económico, o mínimo de capital imobilizado, o máximo de poder aquisitivo, o que com a constante melhora da distribuição da riqueza, provocará o aumento do bem-estar material da humanidade.

Mas...

Este conjunto de medidas iminentemente práticas precisa de ser realidade. Assim o exigem os interesses mais imediatos dos trabalhadores e porque não afirmá-lo! — os mais distantes; a sua emancipação integral. Desviar a sua atenção para outras medidas, filhas da loucura colectiva de místicos, é contrariar a marcha do proletariado, pelo seu relativo bem-estar imediato, para a sua emancipação integral. Não confundamos: é diferente por todos os operários a trabalhar, integrando-os no seu elemento próprio, condicionando-lhe o ambiente e os meios de modo a facilitar-lhe a emancipação, e dar-lhes subsídios e outras panaceias. A primeira cria condições de vida natural; a segunda, conduz a condições de vida parasitárias e desvirtuantes, provocando agrupamentos anómalos, fora da sociedade por impossível ajustamento ao condicionalismo social.

Mas há um outro aspecto, que se relaciona com os trabalhadores, componentes da massa. Precisam esses de olhar com um pouco mais de atenção para os seus problemas. Não devem contar, apenas, com o esforço dos que estão organizados e dos que são activos. Todos têm o dever de acompanhar a organização operária nas suas reivindicações, dando-lhe o apoio da sua força. Alguns queixam-se de que nada ou pouco se faz. Esquecem-se, porém, de que não juntam o seu esforço ao dos que andam empenhados na conquista de be-

TEMAS DE HOJE

Necessidade de propaganda

A propaganda entre o proletariado

Para que ingresse na nossa organização, e a esta se adapte, condicionando-se com os seus métodos de luta, as suas aspirações e as suas atitudes no meio social adverso, no campo económico como no político, no moral como no social, deve ser qualquer coisa de diferente do que tem sido até aqui.

Ainda hoje, é facto dominante, a propaganda assumir um carácter estreitamente corporativo. Os princípios duma propaganda sã, renovadora e profunda, são sempre acolhidos por certos militantes com um sorriso algo escarecedor, como se a propaganda unilateral que se tem desenvolvido, tenha logrado óptimos triunfos.

Estamos a uma vintena de anos de propaganda sindicalista, e ainda a nossa organização se reflete duma falta de valores organizados que a imponham e muitos, mesmo, para quem as funções dos vários organismos são desconhecidas.

Os nossos quadros são incompletos; os meios nem sempre correspondem aos fins. E isso dá razão a aqueles que, apresentando-se como revisionistas, procuram encontrar essa debilidade nas ideias em que a organização se apoia, esquecendo-se de estudar se o facto determinante não se encontrará noutro lado.

Pois eu afirmo que as nossas ideias não se radicaram ainda nas massas sindicadas porque sempre se fez uma propaganda superficial; aquelas nunca chegou o verdadeiro influxo das ideias, que levá-las à plenitude de consciência, o que importa uma organização cujos métodos e objectivos se opõem ao capitalismo. Não há portanto fracasso da ideia.

Agrupou-se sempre gente que tinha mais em vista a satisfação dum bem imediato, que esperava milagrosamente uma vitória e não estava predisposta para as derrotas. Criaram-se entusiasmos perfeitamente de ocasião, que no momento aspero da luta ou na calma duma contrariedade, se despedaçavam numa explosão de invectivas. Dum simpatizante surgia um feroz inimigo, dum operário sindicável surgia um obstáculo à ideia de organização...

Eu sei que isto assim posto irrita muita gente boa; mas isto não obsta a que eu persista flagelando estes males, trazendo-os como temas à discussão.

E. Santana

Nas minas de Aljustrel

Despedimentos em massa

O caudal sombrio da grande legião dos sem-trabalho, aumentado dia a dia por despedimentos em massa nas várias profissões, é, agora, acrescido em mais algumas centenas roubados ao trabalho árduo das minas. São mais uns tantos homens levados para o doloroso transe da miséria, da insuficiência de alimentação para si e para os seus.

E de entre os sérios que bordam a região mineira de Aljustrel que chegam, até nós, os clamores de uma multidão esfomeada, pedindo justiça! São os seus brados de angústia que nos falam da dolorosa odisséia daquela multidão de operários, lutando porque a fome não vitime, de todo, suas famílias! Não bastava a sua tarefa de toupeiras humanas para saciar as caprichosas vaidades duma sociedade a extinguir-se no próprio luxo; não bastava o ouro acumulado no Banc National Belge pelos operários das minas! Não, isso era pouco! Precisavam de vítimas, precisavam de reduzir os encargos exigidos por escassos milhares de trabalhadores, reduzindo os salários, diminuindo

neficiação nas condições de trabalho. Em vez de apontarem erros, de criticarem sem nexo e de se alhearem sem razão, devem vir para o seio da organização operária, cooperar com os que já cá estão, ocupados por trabalhos, incessantemente exigindo atenção e estudo.

Só quando as suas atitudes forem pautadas pelo desejo de cooperação e de luta, se poderá alargar o âmbito da acção do operariado organizado. É bom que o não esqueçam.

A organização operária não fracassou pelas suas próprias doutrinas e métodos de luta: estes é que nunca foram suficientemente impregnados nas camadas do proletariado, por forma a serem sentidos e praticados pelo menos por um grupo de trabalhadores de cada indústria ou ofício, em cada localidade ou região, adoptando-os como necessidade nos momentos calmos do estudo ou das decisões.

Eu sei que, por exemplo, muitas questões se resolvem por meio de votação; mas isso são artificios de ocasião, que nem sempre correspondem a um estado de consciência revolucionária. Devemos, pois, sacrificar esse princípio à ideia de conseguir, cada vez mais, revolver a mentalidade dos trabalhadores, dotando-a, senão de valores ideológicos, pelo menos duma penetração do papel, do valor e da posição que ocupam no movimento operário, tendo em vista, é claro, tudo quanto se refere ao poder económico, moral e político do capitalismo, nos mais simples conceitos.

Isto não implica a tal «revolução pela educação» que muitos nos atribuem; isto simplesmente se consegue se todos expurgarmos, de nós mesmos, aquele messianismo em que costumamos envolver as nossas reivindicações e se tomarmos por princípio que o problema necessita de acção e de luta consciente.

Pôr-lhe a questão claramente: As suas lutas económicas são, simultaneamente, ofensivas contra a estrutura capitalista da sociedade e implicam uma clara posição social. Juntando-se-lhes os factores moral e espiritual, as lutas económicas não se podem restringir à sua essência, mas devem abarcar todas as aspirações morais que dinamizam de nós próprios em luta contra o meio.

Tenciono debater mais este assunto e nele desejo colocar o papel que está distribuído aos anarquistas, à sua crítica e à influência das suas ideias. Espero pois que todos os camaradas a quem a rotina e o conservantismo não asfixiou as suas ideias libertárias, venham contribuir, eficazmente, para uma depuração na propaganda sindical.

CONFEDERAL

as Sindicais e União, foram já, no devido tempo pelo Conselho de Delegados da Central Operária, que se acordou baixar para 7 centavos semanais, o que principiará a vigorar no próximo mês do

tos muito ponderáveis que ao referido Conselho tidados. Não lhe passou, portanto, despercebida a natureza desta natureza adviria para a vida da Cesta através uma situação deficiente em matéria sua actividade como o momento aconselha. um período em que a sua acção organizadora e, estava indicada que todos os organismos adeo pagamento das suas requisições de expediente, or que a isso se opõe a crise asfixiante que assola- mente se reflecte nos próprios organismos pro-

desde há muito manifestam evidentes desejos de anseios de que dispõem a isso os impedem. diminuta, em virtude dos parcos salários que os nismos não podem efectivar a sua adesão à Censsibilidades de arcarem com uma quota conside-

avam com os princípios confederais, não estando, untados.

ao elo confederal essas apreciáveis forças e esta- a situação duns e facilitasse o ingresso doutros. anomalias continuassem—se a causa residia numa. E então estabeleceu-se uma base de quotização to possível de acordo com os recursos de todos os amente, ponderando a difícil situação em que se po a sua vida restringida—não tardarão em re- onfederados, procedendo, quanto antes, à requi- ue muito importa—acompanhada essas requisi-

estas considerações são dirigidas, o compreende- ma constitui uma péssima visão, apenas teremos erável acréscimo dos nossos efectivos, mas ainda e nos permita, desafoadamente atender às im- nização de que tanto se sente a sua necessidade

o número dos que descem, diariamente, às minas.

Para mais, não cuidam da segurança dos homens que trabalham nas minas. Ainda não há muito num dos poços—o conhecido por «Santos»—ficou um operário morto e outro em perigo de vida. Esse poço era o mesmo para onde os operários de lá muito chamavam a atenção dos seus patrões. Estes casos são, infelizmente, vulgares, embora não cheguem ao conhecimento do público.

Não satisfeita a Empresa Mineira de Aljustrel, com os factos apontados, atira, agora, para as garras da fome inúmeros dos seus operários alegando falta de minério nos poços em exploração. São já cerca de 500 os trabalhadores—alguns com uma permanência laboriosa nas minas de 10, 20 e 30 anos—que foram despedidos. São 500 famílias sem pão, que o egoísmo e a maldade dos administradores da Empresa concessão-nária, condenaram à mais crueza das penas: a miséria! Entretanto a mesma Empresa mantém um enorme estado maior parasitário, desnecessário, pomposamente denominado Burocracia das minas.

Se os poços actuais não dão o rendimento indispensável, por que não realizam novas pesquisas e exploram novos poços? Porque não diminuíram de preferência, os gastos com essa numerosa burocracia? Porque não suprimem outra categoria de indivíduos que, como cães de guarda, permanecem nos terrenos de concessão, sem nada fazerem, apenas vigiando atitudes dos pobres mineiros?... E, finalmente, para que será necessária uma polícia privativa das minas agora em organização? Não serão novos encargos para a Empresa? Mas para isto a Empresa tem recursos. Para melhorar as condições de vida dos operários que alimentam toda aquela burocracia, eles faltam sempre!

Verificando estas anomalias, os mineiros de Aljustrel resolveram lutar porque a Empresa, de novo admita ao serviço das minas, os trabalhadores despedidos. É uma reclamação justíssima, que não poderíamos deixar de apoiar.

PÁGINAS HISTÓRICAS

A REPÚBLICA DOS CONSELHOS NA BAVIERA

Erich Muehsam publicou um folheto sobre a revolução da Baviera, escrito em 1920, quando estava preso.

Em 1919 foi ele declarado culpado de alta traição pelo tribunal de Munich e condenado a 15 anos de fortaleza; em 1924 foi-lhe a pena reduzida para 8 anos e posto em liberdade provisória; em 1928 foi abrangido pela anistia, e, ficando completamente livre, foram-lhe então entregues todos os seus manuscritos, onde se encontrava o referido folheto.

Este foi escrito, para se justificar das mesmas acusações feitas contra ele pelos comunistas com os quais colaborou durante o movimento revolucionário, e dos quais só se desligou, definitivamente, aí por 1929 fazendo parte até essa data do Socorro Vermelho.

Portanto, não foi este trabalho inspirado por um espírito de animadversão contra os bolchevistas, sendo porisso todas as suas afirmações insuspeitas e merecedoras de todo o crédito.

* * *

A revolução estalou em Munich dois dias antes da revolução de Berlim, a 7 de Novembro de 1918. Formou-se um conselho de operários e soldados, que constituiu a força mais firme da revolução bávara até Abril de 1919. Os socialistas democratas formaram imediatamente um governo, no qual Kurt Eisner foi presidente de ministério. O Conselho dos operários revolucionários tinha-se reservado o direito à cooperação e, no segundo dia da sua existência, recebeu nas suas fileiras a Muehsam e pouco depois a Gustavo Landauer, os dois conhecidos como anarquistas já antes da guerra. Pouco depois, por iniciativa do Conselho de operários revolucionários organizou-se um Conselho operário por eleições dos Conselhos de fábrica. Em todo o país procedeu-se à eleição para os conselhos operários de camponeses e de soldados. O conselho operário de Munich, resolveu na sua primeira sessão, sob o impulso das forças libertárias, não admitir no seu seio funcionários a soldo dos partidos e dos sindicatos.

Isso foi um golpe contra o partido social-democrata e contra os sindicatos reformistas, e no desenrolar dos acontecimentos aguçaram-se cada vez mais as dissidências entre as diversas tendências do proletariado. Os membros do R. A. R. pertenciam na sua maior parte ao partido social-democrata independente. No seio do proletariado existiam:

1.º o partido social-democrata; 2.º o partido social-democrata independente; 3.º o partido comunista; 4.º a tendência anarquista, que certamente não tinha nenhuma organização atrás de si.

O partido comunista todavia não existia ao rebrantar a revolução, só se tendo formado no decorrer dos acontecimentos revolucionários. Mas havia a Liga espartaquista, onde actuavam os comunistas. E Muehsam forçou com alguns camaradas uma «Associação de internacionalistas revolucionários da Baviera» que disputava, nos primeiros tempos da revolução, as simpatias dos grandes círculos de trabalhadores, até que a sua influência foi decrescendo com o crescimento do partido comunista.

O governo estava nas mãos dos social-democratas, que de acordo com o partido social-democrata nacional defendia a Assembleia Nacional. O presidente de ministros, Eisner, temia, no entanto, a resistência dos R. A. R. contra as eleições à Assembleia Nacional e fez deter, por conseguinte, a 10 de Janeiro de 1919, 12 personalidades conhecidas da R. A. R. e do partido comunista, entre elas a Muehsam e a Levine, o chefe do partido comunista de Munich. Devido a essas prisões Kurt Eisner perdeu o seu prestígio entre o operariado desta cidade. No entanto, a burguesia odiava-o ferozmente. Era pacifista, e tinha-se oposto ao «chauvinismo» alemão e ao militarismo; porisso foi mais tarde assassinado pelo Conde Arco.

Dessa vez, porém, Eisner teve que ceder à pressão das massas operárias de Munich e pôs em liberdade os presos.

O assassinio de Eisner foi cometido a 20 de Fevereiro de 1919. Isto foi um aviso para o proletariado de que tinha de proceder mais radicalmente, do que até então, contra os revolucionários. A fama da república dos

conselhos tornou-se cada vez maior, porém não se conseguiu implantá-la. O Congresso dos Conselhos compôs-se de representantes de todas as tendências do proletariado, e quando a 28 de Fevereiro se apresentou uma proposta, fundamentada por Muehsam, para proclamar a república dos Conselhos de Baviera, recebeu só a aprovação de 70 delegados, enquanto 234 estavam contra. Em vez disso o Congresso resolveu reconhecer a Dieta, onde os social-democratas estavam em maioria.

Contra as exigências dos operários revolucionários de Munich, convocou-se a 7 de Março uma conferência pelos social-democratas independentes de Berlim de comum acordo com os socialistas da direita e a Liga Camponesa moderada. Nessa conferência aceitou-se um compromisso que devia satisfazer todos os sectores.

Esse compromisso exigia à Dieta um ministério socialista e os conselhos de operários e soldados. Os operários revolucionários não estiveram de acordo com esse compromisso e exigiram a proclamação da república dos Conselhos. Esse pedido tornou-se mais sonoro e ruidoso, quando a 21 de Março chegou a Munich a notícia da proclamação da república dos Conselhos na Hungria. O governo pôs-se nervoso e julgou apaziguar as massas operárias com as propostas do ministério da socialização Neurath. Porém não conseguiu fazer desistir as massas trabalhadoras do seu pedido da república dos Conselhos.

O partido comunista não se tinha apresentado até então. Muehsam, segundo a sua própria exposição, foi nomeado sempre pelo partido como orador, ainda que não lhe pertencesse, e acentuava isso. Nos dias de Março de 1919 o partido comunista fez cair Muehsam. Mas nas semanas seguintes intervieram os factores trágicos da revolução bávara.

A 4 de Abril, quer dizer no dia anterior, o proletariado de Angsburg tinha declarado a greve geral, apresentando a reclamação de que se proclamasse na Baviera a república dos Conselhos. Enviou-se um delegado de nome Nickisch a Munich, afim de incitar o governo a proclamar a república dos Conselhos.

O governo de Munich, que se compunha de socialistas maioritários e de socialistas independentes, esteve inteiramente de acordo com a proposta e disposto a formar com todas as outras tendências do proletariado uma república dos conselhos, segundo o modelo da Hungria. Realizaram-se algumas sessões preparatórias de membros do R. A. R. e do governo, onde se tomou conhecimento que a contra-revolução queria dar um golpe para se contrapor aos planos de socialização projectados por Neurath.

O partido comunista não esteve presente nas deliberações, onde se tratou da proclamação da república dos conselhos. E ainda depois não enviou representantes oficiais. As linhas gerais da república dos conselhos, foram propostas e as pessoas que deviam desempenhar o lugar de comissário do povo, eleitos. Os social-democratas queriam nomear comissários do povo os que eram até então ministros. Landauer e Muehsam não estiveram de acordo com isso. Por fim resolveu-se o problema das pessoas. Proclamar-se-ia um governo provisório de Conselhos, no qual deviam participar os socialistas maioritários, os independentes, os comunistas e os anarquistas. Landauer deveria assumir o lugar de comissário da instrução pública. Como porém os representantes do partido comunista, que eram esperados, não aparecessem, a sessão foi adiada.

Na noite de 4 de Abril voltaram a reunir-se os representantes dos partidos e das vá-

rias tendências acima indicadas. Durante os debates chegou uma delegação do partido comunista — de pessoas de Berlim até então completamente desconhecidas — e declarou que o seu partido participaria no governo dos Conselhos. Muehsam supõe que o motivo era porque o partido queria ter inteiramente o poder em suas mãos e exercer uma ditadura de partido, não o poder de todo o proletariado. Essa declaração do partido comunista servira para os representantes do socialismo maioritário proporem o adiamento da sessão. Declararam que, perante a nova situação, criada pelo attitude do partido comunista, propunham a adiamento da proclamação da ditadura dos Conselhos por 48 horas. Em vão procuraram Landauer e Muehsam, convencê-los do perigo desse adiamento; a maioria aprovou a proposta dos maioritários.

A 6 de Abril reuniu-se outra vez a assembleia dos partidos. Mas então não estiveram presentes nenhum dos ministros social-democratas, mas somente alguns poucos representantes do partido. O partido independente tinha enviado ao contrário os seus representantes mais proeminentes, entre os quais se encontrava também Toller.

O R. A. R. estava presente em pleno, enquanto o partido comunista faltou de novo. Todavia, alguns membros deste partido, que eram também membros do R. A. R., declararam-se dispostos a colaborar, ainda que o seu partido não o fizesse. Nessa assembleia resolveu-se definitivamente a proclamação da república dos Conselhos. Como membro do Conselho provisório de comissários do povo foram eleitos: Dr. Lipp, socialista independente, para os negócios estrangeiros; para o interior Soldman, socialista independente; para o tráfico Paulukum, socialista independente; para a justiça Kuebler, membro do conselho camponês; para as finanças Silvio Gesell, muito conhecido como anarquista e fisiocrata, mas especialmente por causa da sua teoria do dinheiro apoiada em Proudhon; para as obras públicas Hagemeister, independente; para a instrução pública Gustavo Landauer, anarquista, e para as questões militares o socialista independente Killer.

A república dos Conselhos foi proclamada a 7 de Abril, numa segunda-feira. Mas o facto de nem os comunistas nem os socialistas maioritários estarem com ela completamente de acordo, desde o seu princípio, um carácter muito precário.

Muehsam informa que se tinha decidido que os membros proeminentes do R. A. R., no dia da proclamação da república dos conselhos, falariam em diversos pontos de Munich, e que se daria ao dia o tom dum dia de festa. Mas na ocasião de proclamação ocorreram acontecimentos desagradáveis que levaram a concluir que os trabalhadores não concorriam com todo o coração e que a burguesia não temia de nenhum modo essa república, pois viu o desacordo no campo do proletariado e compreendeu que essa magnificência não duraria muito tempo.

Esse governo funcionou só seis dias. Os socialistas maioritários tinham formado em Bamberg um contra-governo, e incitavam o país contra o governo dos conselhos de Munich. Enquanto no Sul da Baviera o governo dos Conselhos adquiria cada vez mais prosélitos, no Norte as simpatias limitaram-se por causa da campanha de calúnias dos socialistas maioritários e da burguesia. Em Würzburg chegou-se, já em 5 de Abril, a recintos armados entre os partidários da república dos Conselhos e a burguesia, sendo vencido o proletariado e presos os partidários da república dos Conselhos. Todavia, os operários de Munich procuraram salvar

a situação, e convocaram uma assembleia de todos os Conselhos de fábrica, onde se exortou à unidade de todo o proletariado e se lançaram proclamações neste sentido. Os comunistas, porém, mantiveram-se sempre a distância. Na noite de 13 de Abril foi preso Muehsam com um certo número de republicanos dos Conselhos, levado à estação do caminho de ferro e enviado para o norte da Baviera. Quando os operários de Munich o souberam e assaltaram a estação, para libertar os seus companheiros, era demasiado tarde.

Até este ponto chega a descrição de Muehsam. Promete o que mantém. Dá um fiel retrato da sua actividade e consegue justificar-se. Para nós, e para muitos outros, não era necessário que Muehsam se justificasse.

Sabíamos que durante muito tempo simpatizou com os comunistas, porém isso explicava-se pelo facto de ter estado na prisão largos anos e depois custou-lhe muito a compreender as coisas. Hoje Muehsam voltou as costas aos comunistas e a todas as suas organizações, defende o seu ponto de vista anarquista, como dantes, e conta-se entre as melhores cabeças e entre as personalidades mais importantes do movimento libertário da Alemanha. O seu trabalho será bem recebido pelos camaradas, pois proporciona um bom resumo sobre a república bávara dos conselhos.

Depois da prisão dos membros do R. A. R. e de muitos membros do governo dos conselhos, este não pôde continuar. Os comunistas tinham alcançado pois o que queriam. Formaram eles só um novo governo de Conselhos, que tinha porém menos do que o anterior a adesão de todo o proletariado. Contra esse governo clamaram os socialistas maioritários e a burguesia. O governo nacional enviou a Noske, que avançou contra Munich com as suas tropas e expulsou do poder o governo comunista dos conselhos. Landauer já não tinha tomado parte no segundo governo dos conselhos, porém era odiado como nenhum outro pelos reacionários. Foi o primeiro a ser assassinado dum modo bestial pelas tropas invasoras como um dos adversários mais perigosos da burguesia. Caiu Levine e um grande número de revolucionários foi vítima da reacção. Assim terminou a revolução bávara.

Erich Muehsam trata os comunistas, no seu livro, muito moderadamente. Fala muito das suas próprias faltas de tactica e exprime a opinião de que os comunistas tinham marcado a tactica mais apropriada. Reproduz entre outras coisas uma conversação com Axelrod, em que este disse que os comunistas não tinham sido partidários da proclamação de primeira república dos conselhos, porque não se tinha preparado suficientemente. Se tivesse sido essa realmente a causa, então os oradores comunistas, com Levine à frente, daviam tê-la exposto abertamente na assembleia decisiva. Em vez disso, segundo o relato de Muehsam, não disseram senão frases banais, gritando contra os social-democratas com quem não queriam colaborar. Dessa tactica scissionista do partido comunista, resultaram então as grandes dificuldades, que conduziram a um deplorável debilitamento do proletariado.

O folheto de justificação e de defesa de Muehsam é um escrito de acusação contra o partido comunista, que nessa ocasião, quando ainda estava em «cuius», existindo apenas havia alguns meses, já aspirava com delitosa arrogância à soberania absoluta, a uma dominação que se qualificava, com uma presunção ridícula, como ditadura do proletariado, porém que na realidade só podia ser a ditadura do próprio partido sobre o proletariado. Estamos agradecidos ao camarada Muehsam por nos ter mostrado, sem querer, ou em todo o caso sem ter posto nisso o centro de gravidade, como o partido comunista procurava só o seu próprio interesse de partido, ainda que com o perigo de scindir nos momentos mais decisivos de revolução as forças do proletariado.

Podemos tirar daí o ensinamento de que o proletariado é vendido e traído sempre que confia num partido político-governamental, e que a revolução social só é eficazmente fomentada, quando sabe manter-se livre e independente de toda a influência e de toda a política partidária.

A. Souchy

«A BATALHA»

é o jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores,

que melhor informa os seus leitores, mais se preocupa com os PROBLEMAS DO TRABALHO e mais atenção dedica à EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES.

MUNIÇÕES

Quando anunciámos a saída de A Batalha, começámos recebendo cartas de aplauso e de incitamento à nossa iniciativa. Quasi todas essas cartas eram acompanhadas de importâncias de auxílio, explicando porque não enviaram, também, o seu apoio material, aqueles que, por circunstâncias de momento, o não faziam. Em todas elas, porém, a nossa iniciativa é acarinhada, havendo manifestações de regosijo que nos comovem. Em nome dos trabalhadores, que A Batalha, como sempre, apoiará e estimulará na sua luta de todos os dias, agradecemos aos camaradas que já responderam à nossa primeira circular. Saudamos, também, todos os que ainda não enviaram as suas respostas, que, sem dúvida, dado seu interesse pela organização, não demorarão.

Eis a lista dos que enviaram importâncias de auxílio para A Batalha:

Sindicato da C. Civil — Secção de Pedreiros	100\$00
Sindicato da C. Civil — Secção de Pintores	100\$00
Sindicato Metalurgico de Lisboa ..	100\$00
Sind. U. da Construção Civil de Fafe	20\$00
Assoc. dos Manufactores de Calçado de Lisboa	50\$00
Sind. Const. Civil de Lisboa — Secção de Serventes	20\$00
Secção dos Op. Corticeiros de Sines	30\$00
Quête aberta no Instituto de Medicina Legal: Alberto Dias, 3\$00; Manuel Nunes, 3\$00; Domingos Barros, 2\$50; Tibério Caldeira, Alberto Almeida, 2\$50; Manuel Henrique, 5\$00; Alberto Pereira, Carlos Vicente, 2\$50; Anibal Almeida, 1\$50; Manuel Inácio, 2\$50; Júlio Pires, 2\$00; Júlio Martins, 1\$50; Joaquim Alves, 2\$50; António Luís, 2\$50; Raúl Correia, 2\$00; António Cabral, 2\$00; Gregório Rodrigues, 2\$00; José Mateus, 2\$50; Domingos Alfredo, 2\$00; António Rodrigues, 2\$50; Germano Marques, 1\$00; Adamastor Silva, 1\$00	49\$50
Assoc. de C. dos Trabalhadores do Mar — Setúbal	50\$00
Assoc. dos Calceiros de Tomar	20\$00
Sind. da Const. Civil de Lisboa — Secção de Carpinteiros	100\$00
Sind. dos Emp. no Comércio e Indústria de Lisboa	30\$00
A transportar	66\$50

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares

Com a presença dos delegados dos Impresores, Encadernadores, Litógrafos de Lisboa, e Conselho Inter-Federal do Norte, reuniu o Conselho Federal que, tomando conhecimento das diligências que a Federação tem feito acerca do descanso dominical, resolveu insistir, mais uma vez, com os sindicatos que ainda não responderam. Resolveu publicar O Gráfico e nomeou a Comissão Revisora de Contas que ficou composta pelos delegados dos Impresores, Litógrafos e Conselho Inter-Federal do Norte.

Pelos Manipuladores de Pão

Com uma assistência numerosa, calculada em mais de 3.000 operários, reuniram na passada quinta-feira os Manipuladores de Pão. Apreciaram o andamento das suas reclamações, falando sobre o assunto vários militantes daquela classe. Foi nomeada uma comissão para se avistar com o sr. presidente do ministério, conservando-se a classe em sessão permanente até obter uma resposta definitiva sobre as suas reclamações.

Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

EDUCAÇÃO ARTISTICA

ARTE REVOLUCIONARIA

O homem vive primeiramente de pão, mas não é só de pão que ele vive: assim pensam os revolucionários sociais. Mas, em geral, aos revolucionários escasseiam o tempo e os recursos mesmo para as tarefas mais urgentes e essenciais, para a conquista directa do pão e da liberdade. Em matéria de arte, são obrigados a contentar-se com a que lhes fornecem as empresas mercantis.

No entanto, a arte, nas formas superiores, é verdadeiramente revolucionária, mesmo sem tese preconcebida, sem preocupações subversivas, e não somente por afinar o sentimento.

Sem educação técnica nem artística, o homem do povo é incapaz de compreender as mais belas obras e refugia-se nos espectáculos mais ordinários, seguido pelo desdém dos super-homens.

Mas tentai e retentai, sem intentos financeiros, essa educação que lhe falta, incitai-o, fazei apelo aos seus melhores sentimentos, explicai-lhe previamente as obras de arte, interessai-o por elas, afinai-lhe gradualmente o gosto, e ele acudirá ao vosso chamamento e em breve trocará, deliciado, os guisados requentados e sebosos pelo mel

suauíssimo do Himeto. As suas preferências passadas parecer-lhe hão abomináveis e vergonhosas.

E tornar-se há, então, mais consciente a sua revolta contra a injustiça social, que mergulha a grande maioria na miséria, na abjecção e na ignorância, proporcionando apenas a uma minoria de privilegiados e parasitas todos os gozos da arte e da ciência; contra a injustiça social que a ele próprio o priva ainda de satisfazer completamente as suas novas e legítimas aspirações e curiosidades.

Nesse sentido, a civilização moderna colabora toda com os revolucionários, e divulgar os seus benefícios, seja embora em proporções modestas, é tornar os homens insfridos do jugo, revelar-lhes plenamente a realidade do existente, — o que, se não é tudo é um primeiro passo para o desejo duma transformação social. «O homem habituado a lavar-se e que conhece todas as vantagens do asseio corporal, — disse um dia Malatesta, — torna-se revolucionário no dia em que não possa comprar sabão.»

Neno Vasco

Heróis e mártires da revolução russa

Maria Espirodonova

Entre as figuras de elevada grandeza moral, que tem produzido o movimento revolucionário russo, avulta em primeiro plano Maria Espirodonova.

Ainda muito nova, por ocasião da tremenda repressão da revolta dos camponeses, que se seguiu à guerra russo-japonesa, Maria Espirodonova resolveu vingar as vítimas dessa terrível repressão, executando o comandante das tropas cossacas, que a puzera em prática ferozmente.

Era difícil saber-se em que sítio certo ele se encontrava, e por isso Maria Espirodonova disfarçando-se em camponesa, e dizendo-se mulher dum soldado, pôs-se a caminho à procura dessa fera. Depois de muitos dias perdidos, conseguiu avistá-lo numa estação de caminho de ferro, rodeado do seu estado maior. Aproximou-se-lhe rapidamente, e abateu-o à queima-roupa com um tiro de pistola.

Este seu gesto corajoso valeu-lhe uma agressão feroz por parte da soldadesca cossaca, que acabou por a despir, queimando-lhe o corpo com pontas de cigarro, e violentando-a.

Das mãos dos seus algozes, Espirodonova saiu com um olho vasado e um braço estropeado, além de lesões internas, que lhe provocaram, mais tarde, uma tuberculose.

A pesar de todas estas torturas, o tsarismo ainda a queria executar, mas os protestos do mundo civilizado impediram mais esse crime. Então ela, foi exilada para a Sibéria, donde só voltou após a revolução de 1917.

Acolhida entusiasticamente na Rússia Maria Espirodonova não tardou em atrair sobre si o ódio dos novos litadores bolxevistas.

Em sua defesa constituiu-se na Alemanha um grupo de mulheres, que sobre ela publicou recentemente a seguinte nota:

«Há já dez anos completos que Maria Espirodonova, a heroica lutadora

contra o tsarismo, se encontra nas prisões e lugares longínquos de desterro da Rússia dos Sovietes. Sendo ainda uma rapariga, passou no presídio, durante o velho regime, uma década da sua vida, sendo libertada pela revolução de 1917. Nessa época foi o idolo de todos os camponeses russos. Muito depressa porém o governo sovieta desterrou-a por causa das suas divergências de opinião com o partido bolxevista e mandou-a internar de novo no cárcere. Com 42 anos de idade sacrificou sob o velho e o novo regime vinte anos da sua vida pela libertação do seu povo. A sua saúde achase de tal modo quebrantada que está muito próxima do seu fim. E' um imperativo de humanidade fazer a tentativa de perserverar da ruína definitiva a mulher heroica.

Na mesma situação em que se encontra Maria Espirodonova encontram-se várias das suas camaradas de luta e de sofrimento, que sofreram em comum pela libertação do povo. O destino dessas mártires dos seus ideais não será indiferente a ninguém que se sinta comovido pelos sofrimentos dos seres heróicos.

Já se conseguiu uma vez salvar a Maria Espirodonova do cadafalso tsarista. Agora ameaça-a, sob o domínio bolxevista, a ela e às suas camaradas, o aniquilamento e a consunção mortal. Talvez seja possível evitar esse perigo. Com esse fim fundou-se na Alemanha um comité de mulheres «Pró-Maria Espirodonova» que se propõe aliviar a penúria material das mártires russas e conservar a sua vida. É preciso que homens e mulheres, embora de orientação política completamente diversa, comovidos pela sua trágica situação, intentem ajudá-las. Entre outras, assinam este documento Koethe Kollwitz, a grande artista mundialmente conhecida e Ricarda Huch, autora de vários livros e duma obra admirável sobre Miguel Bakunine.

CRONICA INTERNACIONAL

Gandhi e a não-violência

Apareceram na imprensa, mesmo em certa imprensa bolxevista, comunicados que fazem supor que Gandhi teria afirmado ao vice-rei da Índia o seu pesar pela violência empregada pelos revolucionários contra os ingleses.

O B. I. A. M. tornou pública correspondência, sobre o assunto, do seu informador na Índia Inglesa, M. Acharya. Dela respigamos, por nos parecerem interessantes, alguns períodos:

«Sem ser discípulo de Gandhi sou um admirador do gandhismo, como se pratica, actualmente, na Índia. E' por esse azo que me parece estar em situação de dar uma explicação exacta da atitude de Gandhi relativa à violência, ainda que, por ele, não esteja autorizado. Tenho nas mãos uma cópia da carta que Gandhi enviou o vice-rei, pouco tempo depois da sua prisão.

Diz o seguinte quanto à violência e ao modo como é aplicada e provocada no seu país:

«Disse que todo o acto de violência, uma palavra, mesmo um pensamento, pode obstaculizar o progresso da campanha de não violência. Se a pesar de tais advertências constantemente repetidas, as multidões recorrerem à violência, devo afastar toda a responsabilidade especial que os homens têm nas acções de todos os seus semelhantes. Porém, deixando a um lado a questão da responsabilidade, não arrisco, sob qualquer pretexto que seja, o deixar essa acção para mais tarde.

Esta passagem não faz, simplesmente, alusão à violência empregada pelo povo, senão, igualmente, à do governo.

Conclui: «Se você diz que a desobediência civil deve chegar à violência, a história julgará que é o governo inglês, que não suporta o método da não violência, porque o não compreende, o que impulsionou a natureza humana à violência». Eis aqui, o que se chama «estabelecer a paz!»

Gandhi, — e isto para acentuar mais as suas atitudes — antes da sua prisão afirmou incessantemente: «Violência ou não violência, não renunciaremos ao programa de desobediência civil e de negação a pagar o imposto. Prefiro a violência à cobardia, com as mãos cruzadas, ante os actos do governo».

E curioso ver, ainda, que até num período mais hostil à violência, Gandhi escrevia: «Uma luta que custa rios de sangue é muito mais preferível à submissão na escravidão».

Mas estas afirmações categóricas podem não convencer certa gente que repetindo as frases de certos boletins, blasfemam em toda a parte a sua cultura e os seus conhecimentos do que vai pelo mundo. Há atitudes de Gandhi que garantem, inofensivamente, não ser ele o tal grotesco partidário do passivismo absoluto, qualquer coisa de semelhante ao nirvana, como essa gente, falsamente, espalha.

Em 1922, quando o governo proibiu, aos Sikhs, levar instrumentos de ferro que podessem servir de armas, estes sentiram-se lesados no exercício das suas convicções religiosas. Dirigiram-se a Gandhi para pedir-lhe a sua opinião sobre uma resistência eventual a essa ordem, até com perigo da sua vida. Gandhi respondeu-lhes «que se, ao exercício da sua religião, sentiam necessidade de levar armas, que não deviam inclinar-se ante a prescrição, ainda quando essa atitude tivesse de custar-lhes a vida. Deviam ter o valor de defender as suas convicções, aceitando os perigos e as responsabilidades que isso implicava. No que lhe dizia respeito, não sentia, de nenhum modo, a necessidade de levar armas; não sentia, nele mesmo, a necessidade como um dever e não tinha, pois, como necessidade, no que lhe dizia respeito, a luta pelo direito de levar armas. Os que sentiam essa necessidade deviam travar a luta e levá-la a bom fim».

Além disso, há o movimento dos camponeses *akahis*, que foi uma consequência do conselho de Gandhi. Estes desejavam entrar na posse das terras que eram parte dos seus templos e das quais tinham sido esbulhados. Dia a dia, em grupos de algumas centenas de indivíduos, marcharam para tomar, de novo posse das suas terras do modo mais pacífico possível. Isso fez-se, a pesar das provocações do governo, que se opôs, por processos agressivos, a tal intento. Isto não impediu que os camponeses avançassem e, por que estava toda a cidade com eles, o governo acabou por retirar as suas forças.

Estes e outros factos, mesmo sem pôr em linha de conta as suas afirmações, revelam bem o quanto está esclarecido o espírito de Gandhi e quanto cuidado ele põe na observação das realidades.

A BATALHA

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES TRAVAILLEURS
INTERNATIONAL WORKINGMEN'S ASSOCIATION
INTERNATIONALA ARBEITER ASSOCIATION
ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI

PELO MUNDO NA ITALIA

Faleceu na Itália o advogado e escritor Francisco Xavier Merlino, autor de diversas obras de economia e sociologia, como «Socialismo ou monopolismo», «Pequeno manual de ciência económica» (1888), «A Itália tal como ela é» 1890, «A integração económica», «E reposição das ideias anarquistas» (1889), «O carácter prático do anarquismo» (1890), «A doutrina de Marx e o programa dos socialistas democratas alemães; o programa de Erfurt», «Formas e essências do socialismo», etc. etc.

A propósito da sua morte, Henrique Malatesta escreveu a seguinte carta ao jornal anarquista de Genebra, «Le Reveil»:

«Roma, 18 de Julho 1930.

Talvez já saibas, porque as coisas italianas são mais bem conhecidas no estrangeiro do que aqui, mas para o caso em que não a conheças ainda, dou-te a dolorosa notícia da morte de Xavier Merlino.

Morreu há já dez ou vinte dias, mas eu não o soube senão ontem por acaso, o que prova o estado de isolamento em que somos forçados a viver. O filho dele Libero, que se dizia anarquista (para dizer a verdade nunca acreditei muito), tornou-se em seguida fascista para desgosto de seu pai, e não tornou conhecida a sua morte senão depois do enterro, a fim de evitar uma manifestação de simpatia dos camaradas, o que para ele teria sido uma vergonha.

Merlino, tinha uma grande bondade, e era profundamente sincero e honesto. Apesar da sua mudança de ideias, tinha-se conservado nosso bom amigo, sempre pronto a prestar serviço aos camaradas, quando o podia. Ainda que fisicamente muito enfraquecido há já muitos anos, por causa duma doença de estômago que o atormentava, enquanto teve força, e foi possível a defesa legal dos acusados na Itália, ele, foi o advogado oficial, dos anarquistas perante os tribunais do reino.

Fui seu companheiro de escola e fomos amigos durante mais de sessenta e cinco anos. A sua desapareição deixa-me como que um vácuo na alma.»

Henrique Malatesta

N. CHINA

Correspondência do camarada H. C. Maü, de Tientsing para a I. J. A de Holanda:

«Actualmente a China sofre a ditadura nacionalista do Kuomintang, partido político em decomposição. Por outro lado, o povo é oprimido pelo capitalismo imperialista estrangeiro.

Os imperialistas estrangeiros têm confiança em que a guerra civil perdure indefinidamente, no que também têm interesse os políticos militaristas.

Perdemos quase todas as liberdades. As autoridades sufocam toda a opinião livre que se levanta contra ela. Sob esta penosa situação é que os nossos camaradas desenvolvem o seu programa. Muitos dos nossos livros foram confiscados e ameaçados os seus editores. Os bolchevistas também constituem uma ameaça para o povo. Os nossos camaradas resistem à reacção, como sempre o fizeram. Vivem como verdadeiros revolucionários e morrem como mártires.

O movimento anarquista na China data de há trinta anos, pouco mais ou menos. Ao princípio só entre os intelectuais foi aceite o nosso ideal, que o propagaram sob o ponto de vista filosófico. Agora o movimento é completamente distinto. Propagamos e organizamos a rebelião. Queriam agora chamar a atenção dos camaradas para uma questão de importância fundamental para o movimento anarquista: A organização do movimento anarquista universal. Nada podemos fazer, se o povo não reconhece o nosso movimento, contudo nada poderemos esperar, se não tivermos uma organização. Consideramos isto um problema, cuja solução é urgente. Necessitamos uma Federação internacional e organizações locais, que se dediquem a um trabalho energico e sistemático. Doutro modo nunca passaremos da categoria de sonhadores. Esperamos que os camaradas considerem, o que aqui expomos. Para tornar impossíveis as guerras, que o capitalismo e o imperialismo desencadeiam, para melhor roubar, devemos, antes de mais nada, organizar-nos; é a única forma de po-

VIDA OPERARIA

Sindicato de Classe dos mineiros de S. Domingos

Este sindicato encontra-se em sessão permanente, tendo resolvido prestar toda a sua solidariedade, tanto moral como material, aos mineiros de Aljustrel. Na sua reunião de 26 p. p. aprovou uma moção de franco apoio áqueles camaradas, resolvendo informar convenientemente a Internacional dos Mineiros, em Inglaterra.

A situação dos Manufactores de Calçado de Beja

Seria bom que todos nós recordássemos dos tempos em que a nossa classe marchava na vanguarda do movimento operário desta localidade e arredores e olhassemos para o que hoje se passa. Os industriais exploradores, que, aproveitando todos os momentos, lançam sobre nós as garras aduncas para nos tirarem a última gota de sangue, tripudiam à vontade, contando com o nosso silêncio. Confrange ver certos camaradas — que outrora contribuíram com a sua cota parte para o engrandecimento da organização — despreocupados, pondo de parte a defesa dos seus interesses, no momento em que, mais do que nunca, é necessária a sua actividade para o levantamento moral da classe, para com maior autoridade se impôr e fazer respeitar as reivindicações que com tanto brilho e audácia a classe soube conquistar. Existe, de facto, o sindicato da classe com um número de oitenta e tal associados. Repare-se no facto de ser o total da classe de nrs cento e vinte o máximo, o que torna importante o número de manufactores associados. Mas não basta pagar a cota ao sindicato. Urge conjugar todos os esforços, estudar a situação da classe, porque todos os dias se verifica, quando os operários vão entregar o trabalho, uma descida nos preços porque se tabelou a manufatura de calçado.

É preciso arredar o indiferentismo e conjugar todos os esforços para impulsionar o sindicato coadjuvando a sua C. A. nos seus trabalhos e esforços.

Abandonem os vícios prejudiciais, origem da indigência, porque não faz sentido atravessar-se uma crise enorme em que uns padecem indiferentes e outros aceitam todos os preços. Isso dá origem a que os patrões nos apontem esses, como exemplo de trabalho por menor preço, quando nos opomos às baixas de salário.

Levantemos, pois, a classe, apetrechemo-la para a luta — pois só assim terá autoridade para impôr o cumprimento dos seus direitos. Um manufactor de calçado

der «controlar» o transporte e a produção de armamentos.»

NO MÉXICO

O governo «socialista» mexicano proibiu a circulação no seu território das publicações libertárias do continente americano, entre elas, a «Continental Operária», a «Solidariedade» de Montevideo, «Germinação», de S. José, etc.

Quanto ao velho militante anarquista Liberado Rivera, continua a não se saber do seu paradeiro.

NA INGLATERRA

O número dos «sem-trabalho» inscritos oficialmente já ultrapassou os dois milhões. É esta uma das terríveis consequências da racionalização.

Na Inglaterra existem milhões de hectares de terrenos férteis, reservados unicamente à caça dos grandes senhores e milionários, e há um governo «trabalhista» que nem sequer se atreve a pôr esses terrenos improdutivos à disposição de milhões de famílias, que morrem de fome, por não terem, onde ocupar os braços.

NA FRANÇA

O ministro dos correios, Mallarmé, recusou terminantemente conceder uma amnistia aos empregados despedidos ou atingidos por qualquer penalidade por ocasião do recente movimento.

O governo da república democrática francesa guarda toda a sua mansidão para os grandes comerciantes e especuladores, e reserva toda a sua ferocidade para os trabalhadores ou funcionários, que defendem os seus direitos á existência.

Vida Sindical

Comissão de Relações nacionais, Estudo e Defesa Rural — Evora.

Chegou ao conhecimento daquela comissão, por intermédio de correspondência recebida de Beja, que os elementos divisionistas da União dos Trabalhadores Rurais, vão realizar, pelo alto Alentejo, uma jornada de propaganda. Este organismo, no cumprimento dum dever, previne os trabalhadores rurais daquela região contra os maneios desagregadores desses indivíduos, para conquistar simpatia, se servem, até, do nome da Antiga Federação Rural — que esta comissão representa — como já fizeram em Serpa.

Desejariamos não ter motivos para reparos contra factos desta natureza, por que nos repugna mecher em assuntos, como este, repletos de deslealdade. Mas é preciso que se saiba, também, que não estamos dispostos a consentir que se prejudique a organização, a quem legitimamente, na imprensa, representamos. O que sucedeu em Serpa é bom que se não repita. Para isso o que há a fazer é exigir a respectiva credencial e verificar se está ou não autenticada.

Sindicato Unico da Construção Civil — Secção profissional de Pintores.

Reuniu a comissão revisora de contas que consultou os mapas apresentados pela C. A. e verificou que havia um saldo do 1.º semestre de 1929 de Esc. 733\$05. A receita do 2.º semestre desse mesmo ano foi de Esc. 1.319\$60 e a despesa de Esc. 1.125\$25. Para 1930 ficou, portanto, um saldo de Esc. 927\$40. Em 1930 houve, no 1.º semestre, de receita Esc. 1.543\$70 e de despesa Esc. 1.480\$35, havendo um saldo de Esc. 990\$75 que transitou para o semestre que decorre.

A comissão revisora de contas levou este mapa de receita e despesa à assembleia geral, juntando-lhe o mapa da C. A. Foram aprovadas.

Tomou posse a nova C. A. que reúne as terças e sextas-feiras das 20 às 22 horas. Previm-se os camaradas interessados que nesses dias se lhe devem dirigir para todos os assuntos pendentes da resolução da C. A.

Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Lisboa.

Reuniu esta secção em assembleia magna, para apreciar a escassez dos salários em contraste com o crescente custo dos géneros mais necessários à alimentação das classes trabalhadoras. Foi aprovada uma moção que habilita a secção a reclamar uma uniformidade de salários, que devem ser de 24\$00 para canteiros, e 22\$00 para polidores. Para os meios oficiais e aprendizes será o salário estipulado segundo as suas habilitações profissionais. Neste sentido enviou a secção uma circular a todos os mestres das oficinas de canteiros e à associação dos mestres, pugnando por aquela resolução, esperando uma resposta da dita associação sobre o assunto.

Secção profissional dos Pedreiros. — Reuniu também esta secção para o mesmo fim. Depois do caso debatido resolveu-se distribuir um manifesto, convidando todos os pedreiros a assistir a uma sessão magna. Essa realizou-se no passado dia 4 do corrente na sede do Sindicato Metalurgico. Esteve bastante concorrida, tendo feito uso da palavra vários camaradas pedreiros, bem como um delegado da Federação, outro do Sindicato, e um delegado da Comissão de Melhoramentos, tendo por fim sido aprovada uma moção, para enviar uma circular a todos os mestres de obras. Nela se reclama o salário de 23\$00 para profissionais, salvaguardando porventura os salários mais altos que possa haver na classe.

Secção Profissional dos Carpinteiros. — Com o mesmo fim reuniu também esta secção que apreciou o assunto maduramente, tendo resolvido nomear uma comissão que estudará as possibilidades da classe, e apresentará um parecer sobre a quantia a reclamar dos mestres de obras e proprietários de oficinas de carpintaria.

Secção Profissional dos Serventes. — Para tratar o mesmo assunto reuniu esta secção que apreciou a exposição feita pelo Secretário Geral do Sindicato, tendo sobre o assunto falado diversos camaradas. Ficou assente nomear-se uma comissão para, numa próxima assembleia, apresentar um parecer,

A propósito dos mineiros e da sua organização

É tempo de organizar a defesa contra as arremetidas traiçoeiras do capitalismo parasita, sugador do nosso sangue, que em terras de Portugal, mais do que em parte alguma do Mundo, tem mantido a classe a que nos honramos de pertencer, em completa e revoltante escravidão, conduzindo-nos, nos nossos destinos e reivindicações, a seu bel-prazer, melhor ou pior, como se nós fôrmos um rebanho, confiado à sua guarda.

Acreditando em balelas, — obra pacificadora entre capital e trabalho, providências estatutais, e mais meia dúzia de cantigas, que nos entram por um ouvido e saem pelo outro — temos nós vindo, desde primitivos tempos, sofrendo resignados, a fome e a miséria, aliadas ao sacrifício do permanente labutar nas profundezas subterrâneas, afastados da luz solar e do ar livre, como elementos indispensáveis ao gôso duma vida principesca, e no entanto, não temos o necessário para ocoir ao nosso sustento.

Acreditai, camaradas indiferentes, que com a luta de classes que se está desenvolvendo em todo o mundo, haveis de conquistar melhores dias. Por isso esperar impacientemente, «com o rabinho de fora», que uma minoria ínfima a minoria consciente de quanto vale e a quanto tem direito, vos prepare «a pápa» para vo-la meter na boca, é, na mais benévola das frases, criminoso. O capitalista e o burguês, só nos dispensam aquilo de que, por sua natureza ou mero capricho espiritual, não carecerem.

Esperar apenas da minoria activa e trabalhadora, o que só se pode conseguir com a cooperação de todos nós, operários, constitui um absurdo tanto maior, quando é certo que as massas operárias não organizadas, prejudicam, constantemente, toda a acção do operariado, na defesa dos seus interesses em prol da sua emancipação.

Nós, os mineiros, somos, actualmente — e digo somos porque nem vale a pena exceptuar dois sindicatos em actividade — a classe trabalhadora, que menos contribui para o avanço do operariado português, uma falange do mesmo, cujo valor real na organização, é zero. É, vergonhoso dizê-lo, mas que se diga, para que todos nós saibamos, que temos deveres a cumprir. Não é justo que almejemos libertar-nos da escravidão a que estamos submetidos, se só dos outros exigirmos sacrificios para essa libertação. Se nos deixamos atrazar perdemos terreno, porque os nossos camaradas não podem recuar. As classes que marcham na vanguarda devem seguir o caminho recto da justiça, desviando dele, todos os obstáculos prejudiciais ao seu avanço. Querendo nós marchar na rectaguarda, não devemos exigir solidariedade, quando qualquer «truco» patronal nos atinge, sabedores de que estamos desorganizados e somos cobardes. Caminhemos muito devagar; estamos atrozadíssimos. Corramos um pouco... Fundemos sindicatos em todas as minas do país, criemos militantes, no operariado jovem, fundemos a nossa federação, entremos na Central e marcharemos na vanguarda, ao lado dos nossos camaradas, defendendo com valor e galhardia, a nossa emancipação.

Então, quando nos reconhecermos impotentes, para aguentar o embate dum inimigo mais forte, não recuaremos um passo. Temos o direito e o dever de gritar, alto e bom som: — Camaradas! Solidariedade!

Mina de S. Domingos, 1930

J. M. Almeida Junior

que será apreciado, também, em sessão magna.

Secção dos Pintores. — Também no passado dia 9 reuniu esta secção que tratou de diversos assuntos de interesse profissional tendo tratado da disparidade de salários dentro da classe. Depois dumas breves considerações feitas pelo Secretário Geral do Sindicato foi nomeada uma comissão que na próxima assembleia apresentará um estudo assim com a quantia que se deve reclamar dos mestres de Pintura como uniformidade de salários.

Secção Sindical da Construção Civil de Belem. — Na sede desta Secção, rua Paulo da Gama, efectua-se na próxima quinta-feira 18 uma sessão de propaganda «Pro-salário mínimo». Para este efeito foi convidada a Federação de Indústria e o Sindicato a fazer-se representar.